

## O ESTABELECIMENTO DO PODER SOVIÉTICO NA TRANSCAUCÁSIA

Alexander Zhebit<sup>1</sup>

Lorran Ícaro Moreira de Lima<sup>2</sup>

### RESUMO:

No contexto da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de 1917 na Rússia, a região da Transcaucásia passou por grandes transformações, desde a fragmentação e a dissolução dos Impérios Otomano e Russo, passando por guerras civis e intervenções estrangeiras na região, pelo estabelecimento de novos regimes e de realidades territoriais, até a sovietação, todas causando profundas repercussões na três então proclamadas Repúblicas da Transcaucásia (Armênia Azerbaijão e Geórgia). Este artigo propõe-se a analisar a evolução das relações de poder na Transcaucásia a partir da Revolução bolchevique de 1917 até o estabelecimento de poder soviético, explorando suas implicações na mudança das fronteiras e da geopolítica da região.

**Palavras Chave:** Cáucaso do Sul; Revolução de 1917 na Rússia; Intervenção Estrangeira; Sovietização

### ABSTRACT:

The region of Transcaucasia, in the context of the First World War and the Revolution of 1917 in Russia, underwent major changes, from the fragmentation and the dissolution of the Ottoman and Russian Empires, passing through Civil Wars, foreign interventions in the region, the establishment of new regimes and territorial realities, up to the Sovietization, all of them exercising profound effects on the three then proclaimed Republics of Transcaucasia (Armenia, Azerbaijan and Georgia). This article aims to analyze the evolution of power relations in Transcaucasia since the Bolshevik Revolution of 1917, until the establishment of Soviet power, exploring its implications on the borders and geopolitical changes of this region.

**Key Words:** South Caucasus; Revolution of 1917 in Russia; Foreign Intervention; Sovietization

1. Professor associado, doutor em história, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: alex@cfch.ufrj.br

2. Graduando de Relações Internacionais pela UFRJ, Membro do GPPI e do LEPCáucaso, Bolsista PIBIC do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso, e-mail: lima.lorran@gmail.com.

## 1. Introdução:

A região do Cáucaso, a Ciscaucásia (Cáucaso do Norte) e a Transcaucásia (Cáucaso do Sul), vinha sendo incorporada no Império Russo, a partir do início do século XIX, sofrendo uma influência geopolítica dos Impérios Otomano e Persa, no âmbito do “Grande Jogo” da Grã-Bretanha no Oriente Médio e na Ásia Central. A Primeira Guerra Mundial causou profundas repercussões na região, desde massacres e deportações das populações do Cáucaso, até intervenções e ocupações estrangeiras e mudanças de fronteiras entre Império Russo (posteriormente, a União Soviética) e Império Otomano (posteriormente, o Estado da Turquia). A Revolução de Fevereiro de 1917, que ocorreu na Rússia durante a guerra, derrubou o regime monárquico, levando ao poder governos provisórios e mergulhando o país em um processo de revoltas e crises de instabilidade política e de ingovernabilidade, resultando no derrubamento do segundo governo provisório e na chegada ao poder do partido bolchevique, liderado por Vladimir Lênin, em coalizão com o partido SR (socialistas-revolucionários) em 25 de outubro de 1917. Ao proclamar o Decreto da Paz, o novo governo, instalado em Petrogrado, deu início ao abandono da Entente, que acabou na conclusão da Paz de Brest-Litovsk com Alemanha, Turquia, Áustria e Bulgária.

O Império Russo deixou de existir com a Revolução de Fevereiro de 1917, e após outubro de 1917, a Rússia, até então um Estado único, entrou em processo de fragmentação, provocado pelas ocupações pelas potências centrais e pelas declarações de autodeterminação territorial dos soviets em diferentes regiões da Rússia, desde a parte europeia até o Extremo Oriente, estas últimas incentivadas pela Declaração sobre os Direitos do Povos da Rússia do governo bolchevique. Conforme ocorria a desintegração da Rússia, a região da Transcaucásia se debatia entre a influência do movimento branco, dos nacionalismos locais (principalmente na Armênia) e das interferências externas, principalmente da Turquia e da Grã-Bretanha no Azerbaijão, e da Alemanha na Geórgia, criando um ambiente de caos, ingovernabilidade e conflitos, que se mostraria um facilitador para o estabelecimento do poder soviético na região.

Seguindo a doutrina da revolução mundial, a cúpula bolchevique vislumbrava a adesão de todos os Estados formados no território do antigo império russo a uma república mundial dos soviets, mediante revoluções socialistas. Lênin acreditava que a transição para o modelo socialista no Cáucaso deveria acontecer mais lentamente e com maior cautela do que na Rússia, levando em conta as condições locais, principalmente o grande campesinato e os recursos naturais que poderiam ser muito quistos nos mercados ocidentais (KING, 2008, p. 189)<sup>1</sup>.

A República Democrática Federativa Transcaucasiana, ou a Federação Transcaucasiana foi uma república federativa independente, estabelecida por Geórgia, Armênia e Azerbaijão em fevereiro de 1918, que ficou dissolvida em maio de 1918 após a independência da Geórgia em 26 de maio, com governo majoritariamente menchevique, em 28 de maio com a independência da Armênia, com o governo nacionalista dashnaque<sup>2</sup>. Em 27 de maio de 1918 foi proclamada a independência do Azerbaijão pelo governo musavatista<sup>3</sup>, com sua sede em Tiflis, enquanto o Azerbaijão era governado por um governo bolchevique, chamado de Comuna de Baku, suces-

1. King cita V. I. Lenin, “Tovarishcham kommunistam Azerbaidzhana, Gruzii, Armenii, Dagestana, Gorskoi Respubliki,” in *Polnoe sobranie sochinenii*, 5th ed., 55 vols. (Moscow: Izdatel'stvo politicheskoi literatury, 1958–65), 43:199.

2. Dashnaksutyun (“Federação Revolucionária Armênia”), o partido nacionalista armênio, formado em 1890.

3. Musavatista, de Musavat (“Igualdade”), o partido nacionalista azerbaijano de orientação pan-túrquica e pan-islâmica, formado em 1911.

sora do governo de soviets, estabelecido em outubro de 1917, que derrotou uma rebelião de musavatistas em Baku em março de 1918. A República Socialista Federativa Soviética da Rússia reconheceu as três repúblicas da Transcaucásia e, em diferentes fases, estabeleceu relações diplomáticas com elas.

O início da reconquista da Transcaucásia pelo Exército Vermelho somente se deu de fato em 1920, após três anos (1918-1920) de intensos combates durante a Guerra Civil na Rússia: Primeiro no front do Sul em 1918, contra o Exército Voluntário do Movimento “branco” no Norte do Cáucaso; depois, ao defender a cidade de Tsarítsin (atual Volgograd) contra o exército da República do Don do General Krasnov; por fim, no front Caspiano-Caucasiano, ao retomar Tsarítsin, ocupada pelo exército do Cáucaso do Norte do General Wranguel.

O domínio bolchevique dos três recentes estados independentes na Transcaucásia só se tornou possível após a retirada dos intervencionistas estrangeiros (principalmente de Turquia, Alemanha e Grã-Bretanha) e forças antibolcheviques da região, bem como devido à separação política das três repúblicas sob a pressão e sob o ultimato da Turquia na conferência de Batum<sup>4</sup>; seus conflitos internos; assim como em virtude das rebeliões conduzidas pela “terceira força”, que era composta por partidos bolcheviques legais ou na clandestinidade, soviets, sindicatos e movimentos simpatizantes aos bolcheviques nos referidos Estados. O fator da “terceira força” começou a se manifestar durante as ocupações e as guinadas nacionalistas dos governos nas repúblicas do sul do Cáucaso.

A sovietação da Transcaucásia ocorreu em duas fases, a primeira em 1920, com a invasão e a tomada de poder pelo 11º Exército Vermelho em abril no Azerbaijão e em setembro na Armênia (com uma pausa na campanha devido ao conflito com a Polônia<sup>5</sup>). A segunda fase ocorreu em fevereiro de 1921 com a tomada do poder na Geórgia.

## **2. Sovietização do Azerbaijão - Interesses estratégicos e intervenções estrangeiras:**

Historicamente, a região da Transcaucásia é estratégica para a Rússia. No período do Império Russo, antes da Revolução de Outubro, a região da Transcaucásia era responsável pela produção de dois terços do petróleo russo, três quartos do manganês, um quarto do cobre e uma grande parte de sua produção agrícola subtropical (PIPES 1997, p. 282). Porém, com a conclusão do Tratado de Brest-Litovsk em 1918, a Rússia se retirou da Primeira Guerra Mundial e cedeu para o Império Otomano as regiões de Batum, Kars e Ardahan, facilitando as intervenções do Império Otomano (posteriormente Estado da Turquia), da Alemanha e da Grã-Bretanha no Cáucaso do Sul. Segundo Richard Pipes:

Em 1918, o Cáucaso esteve sob influência dos alemães e dos turcos. Os alemães estavam interessados primariamente nos depósitos de manganês georgianos e nos campos de petróleo de Baku. Os turcos tinham seus próprios interesses na região. Os dois poderes estabeleceram esferas de influência, com dominância alemã em Tiflis e turca em Baku. (PIPES 1997, p. 282).

4. Foi assinado em 4 de junho de 1918 o tratado de Batum entre o Império Otomano e as três repúblicas independentes do Cáucaso do Sul - Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

5. Vd. POKHLIEBKIN, 1999, p. 164-177

A Alemanha passou a exercer grande influência com a presença militar em Batum e em Tiflis, na Geórgia. Por conta disso a Grã-Bretanha posicionou sua marinha nos portos no Mar Cáspio, com o objetivo de impedir o acesso alemão aos campos petrolíferos de Baku, e em Krasnovodsk (hoje Turkmenbashi no Turcomenistão) para proteger a linha férrea que partia da cidade e permitia exportar materiais de guerra. Com a degradação do Império Otomano, suas forças se afastaram de Baku, deixando-a sob influência principalmente da Marinha Real Britânica.

Em março de 1918, por atuação do líder e ativista armênio Stepan Shaumian, importante figura no fortalecimento da “terceira força” em Baku, os bolcheviques aliados aos socialistas armênios em Baku, derrotaram os musavatistas e seus aliados, transformando a batalha em uma espécie de resgate dos antigos conflitos entre muçulmanos e armênios, levando à vitória bolchevique e ao exílio das forças mussavatistas para a cidade de Ganja, a oeste de Baku (KING, 2008 p. 167).

Em julho de 1918, ocorreu uma intervenção turca no Azerbaijão, dissolvendo soviets, cancelando o turno de oito horas de trabalho e os contratos coletivos, desnacionalizando campos petrolíferos e a flotilha caspiana, recorrendo aos massacres de armênios e de dirigentes bolcheviques, culpados de massacres de musavatistas e iniciando a propaganda pan-túrquica e pan-islâmica. Entretanto, pelo fim da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano, assinou o Armistício de Mudros com a Entente em 30 de outubro de 1918 e retirou as suas forças em novembro do mesmo ano, pavimentando o caminho para a completa ocupação britânica de Baku. O governo mussavatista, instalou-se em Baku, com a aquiescência das autoridades militares britânicas (GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1983, p. 25).

Ocorreram em 1918-1919 duas intervenções britânicas em Baku, a primeira, sob comando do General Dunsterville, de 4 de agosto de 1918 (quando os bolcheviques foram depostos e foi instalado o governo musavatista, favorável aos britânicos) até 15 de setembro do mesmo ano, quando Baku foi tomada pelas forças turcas. Ao retirar-se de Baku, os britânicos, hostis aos bolcheviques e favoráveis aos movimentos “brancos”, entregaram os bolcheviques dirigentes da Comuna de Baku à Ditadura Centro-caspiana<sup>6</sup>, o que resultou na execução, em 26 de setembro de 1918, de 26 dirigentes da Comuna, na cidade de Krasnovodsk.

A segunda intervenção britânica no Cáucaso do Sul foi realizada de novembro de 1918, depois de os turcos deixarem Baku, a 14 de setembro de 1919, sob o comando do General William Thomson. As autoridades militares britânicas durante este período, tinham seu grau de responsabilidade pelos conflitos entre dashnaques e musavatistas, que resultaram em massacres, ao terem prometido ao governo da Armênia o controle sobre as regiões de população mista de Nakhichevan e de Karabakh, ao mesmo tempo acenando com a mesma promessa para o governo de Azerbaijão ( GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1983, p.554).

<sup>6</sup> Em dezembro de 1918, foi eleito o parlamento azerbaijano, constituído de quatro Coalizações, composta majoritariamente por armênios nacionalistas (dashnaques) e sociais democratas russos, que depôs o governo bolchevique da Comuna de Baku em julho de 1918.

tro partidos: Musavat, Ittihad, Ehrar e Independentes. A atividade legal de comunistas se realizava por meio da Conferência Operária Central de Baku, que não se rachou, e que proclamava o lema do Azerbaijão soviético independente. Em maio de 1919, os grupos simpatizantes dos comunistas incitaram uma rebelião e proclamaram a República de Lenkoran (Mugan), derrubada, a seguir, pelos mussavatistas. Com a retirada definitiva dos britânicos do Cáucaso, entre agosto e setembro de 1919, o Azerbaijão ficou sob a direção do governo Musavat por nove meses, até a sovietação. (CORNELL. 2011 p. 27; GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1983, p. 26).

Vladimir Lênin, em um telegrama datado de 17 de março de 1920 ordenou a tomada de Baku e de Tiflis e especificou o curso de ação para esta empreitada:

...para nós é de extrema importância capturar Baku. Empenhem todos os esforços nesta direção, porém ao mesmo tempo, não falhem em se mostrar duplamente diplomáticos em seus anúncios e se certifiquem o máximo possível de que uma firme autoridade local soviética esteja preparada. O mesmo se aplica à Geórgia, porém neste caso, eu recomendo ainda mais precaução... (Lênin, apud SWIETOCHKOWSKI, 2004 p.177. Tradução livre)<sup>7</sup>

Os campos de petróleo de Baku eram dominados principalmente pelos soviets com participação preponderante de russos e armênios influenciados por bolcheviques. Desta maneira, um comitê revolucionário local pró-bolchevique iniciou uma revolta para tomar o poder em Baku. No dia 27 de abril de 1920, representantes do partido comunista do Azerbaijão, submeteram ao governo um ultimato para que abrisse mão do poder ao cabo de doze horas. O parlamento tomou a decisão de entregar o poder aos comunistas às duas horas da noite de 28 de abril. Logo a seguir, o 11º Exército Vermelho entrou no Azerbaijão e no dia seguinte chegou em Baku sem encontrar grande resistência<sup>8</sup>. A República Socialista Soviética do Azerbaijão foi proclamada em 28 de abril de 1920, se tornando a primeira república sovieta na Transcaucásia.

A tomada de poder em Baku pelos bolcheviques havia sido negociada com os kemalistas<sup>9</sup> por intermédio de seu representante na Transcaucásia, Halil Pasha, que pretendia obter apoio e armamento russo para enfrentar a Grã-Bretanha (MARSHALL, 2010 p. 140). Com as negociações, os turcos desejavam que o 11º Exército Vermelho não invadisse Baku e, em vez disso, se formasse uma coalizção entre turcos (em um recém-formado partido comunista turco em Baku) e comunistas azerbaijanos simpáticos aos bolcheviques (SWIETOCHKOWSKI, 2004 p. 178–9). Estas negociações não produziram o resultado esperado pelos kemalistas<sup>10</sup> e a Federação da Rússia estabeleceu um controle militar sobre o Azerbaijão, embora já em maio o governo da Federação da Rússia tenha reconhecido a independência do Azerbaijão. Porém, a independência ficou diluída na criação da Federação Socialista Soviética Transcaucasiana, em 1922, quando as autoridades comunistas azerbaijanas cederam as mais importantes funções de Estado para a União Soviética, criada também em 1922, institucionalizando sua administração sobre o Azerbaijão.

7. "...it is extremely, extremely important for us to take Baku. Exert all efforts in this direction, but at the same time do not fail to show yourself doubly diplomatic in your announcements and make as sure as possible that firm local soviet authority has been prepared. The same applies to Georgia, but in this case I advise even greater circumspection..." Citação em inglês traduzida por Swietochowski do original em russo.

8. Houve 2000 soldados aquartelados em Baku, muitos sob a influência de comunistas bolcheviques.

9. Apoiadores de Mustafa Kemal "Atatürk" que assumiram o controle do recém-formado Estado da Turquia após a dissolução do Império Otomano. Atatürk significa pai dos turcos, em idioma turco.

10. Vd. SWIETOCHKOWSKI, 2004 178-184

Baku era um território estratégico para os soviéticos do ponto de vista energético. Por conta disso, ao receber as notícias da tomada da capital, Lênin declarou:

...ontem nós recebemos novidades de Baku que indicam que nossa indústria teve uma virada para melhor. Todos nós sabemos que nossa indústria chegou a uma paralisação pela falta de combustível, porém, agora chegam notícias de que o proletariado de Baku tomou o poder em suas mãos e destituiu o governo Azerbaijano. Isso significa que agora nós temos tal base econômica capaz de inserir vida de volta à nossa indústria. (LÊNIN, apud SWIETECHOWSKI, 2004, p. 184. Tradução livre)<sup>11</sup>.

### 3. Sovietização da Armênia - Questões territoriais e nacionalismo dashnaque:

A sovietação da Armênia ocorreu em meio à busca de domínio da Turquia sobre a Federação da Transcaucásia e, em seguida, sobre os Estados do Cáucaso do Sul. O período imediatamente pós-independência dos países da região foi marcado pelo acirramento de contradições devido a grandes disputas territoriais, iniciadas principalmente pelos armênios, que, em 1918, estavam ressentidos pelas perdas de territórios e pela questão dos massacres sofridos pelos armênios no Império Otomano, e novamente, em março de 1918 em Erzurum, Sarakamysh, Batum e Kars, na presença das tropas alemãs. Em 12 de abril de 1918 o governo soviético chegou a protestar junto ao governo alemão com respeito à continuação dos massacres de armênios. Neste contexto, o nacionalismo armênio se radicalizou, levando o governo dashnaque a tentar expandir seus territórios, principalmente às custas de seus vizinhos da Transcaucásia. Esse movimento reacendeu antigos conflitos étnico-territoriais e levou a Armênia a guerras contra a Geórgia em 1918 pela recuperação de regiões com a população etnicamente mista (Akhalkalak, Borchalin), contra a Turquia em 1918, contra o Azerbaijão – que era acusado de cooperação com os turcos – em 1919-1920 e contra a Turquia novamente, em 1920. (GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1982, p. 31, 42-43; SEQUEIRA, 2014, p. 68-69).

Enquanto o governo de Ierevan pendia para a esfera soviética (SEQUEIRA, 2014, p. 69), em março 1920, o Comitê revolucionário militar da Armênia proclamou o poder soviético, ao iniciar rebeliões em várias cidades armênias – Alexandrópolis (atual Guiumri), Kars, Nor-Baiazet, Zanguesur e Kazakh-Chamchadin. As rebeliões foram liquidadas pelo governo dashnaque e os líderes comunistas da rebelião (Alaverdian, Garibadjanian, Mussaelian) foram executados (GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1983, p. 43).

Em 10 de agosto de 1920 foi concluído entre a Armênia e a Federação Russa um acordo de paz, com a nomeação de um enviado diplomático russo na Armênia, que previa uma ocupação pelo 11<sup>a</sup> Exército Vermelho dos territórios com populações mistas (armênios e azeris) de Karabakh, Zanguezur e Nakhichevan para prevenir massacres, cometidos por dashnaques naquelas regiões e criar condições para uma futura solução pacífica de disputas territoriais da Armênia com o Azerbaijão, inclusive nos territórios de Sharurê-Daralguez, Surmalin e da pro-

<sup>11</sup> “...we received yesterday news from Baku which indicates that our industry has taken a turn for the better. We all know that our industry has come to a standstill for the lack of fuel, but now the news comes that the Baku proletariat has taken the power in its hands and overthrew the Azerbaijani government. This means that we now have such an economic base that can put life back into our industry.” Citação em inglês traduzida por Swietochowski do original em russo.

víncia de Ierevan (GRAJDÁNSKAYA VOINA, 1983, p.555).

Neste contexto, a Rússia soviética deixou de apoiar as ambições territoriais dos dashnaques armênios em troca do reconhecimento, por parte da Turquia, do poder soviético na Armênia (SEQUEIRA, 2014, p. 69-70).

Com vistas e sob o pretexto dos massacres cometidos pelos dashnaques contra a população muçulmana nas províncias de Kars e de Ierevan, em setembro de 1920, a Turquia iniciou uma guerra contra a Armênia, durante a qual dois terços do território armênio, estabelecido entre 1918 e 1920, foi ocupado. Os conflitos armados entre os dois países causaram inúmeras baixas militares e civis na Armênia, deixando o país quase sem exército e fazendo com que o governo de Ierevan tentasse negociar, a todo o custo, a sobrevivência nacional através de um cessar-fogo com os turcos.

No dia 29 de novembro de 1920 o governo dashnaque foi derrubado por rebeliões da “terceira força” e a missão diplomática soviética em Ierevan exigiu a transferência imediata do poder ao Comitê Revolucionário da República Socialista Soviética da Armênia, baseado no Azerbaijão. Os armênios, por conta da situação causada pelos conflitos, principalmente com a Turquia, receberam bem o ultimato, considerando a intervenção russa como solução diante da ameaça turca. A proclamação da Armênia como república soviética no dia dois de dezembro de 1920 ocorreu pouco antes da conclusão do Tratado de Alexandrópolis que pôs fim à guerra turco-armênia. O Tratado foi assinado pelo governo nacionalista dashnaque na última tentativa desesperada de manter o poder, com o apoio dos turcos. Ele revogaria o Tratado de Sèvres (de 10 de agosto de 1920) que já vinha sendo desrespeitado pelos turcos. Porém, o Tratado de Alexandrópolis causaria vastos encolhimentos territoriais para a Armênia, que perderia os territórios das províncias de Kars, Trebizond e Erzerum, transformando a Armênia em um país sem saída para o mar e sem o seu principal símbolo nacional, o Monte Ararat (MARSHALL, 2009, p. 143).

O Tratado de Alexandrópolis, foi assinado pelo ministro do exterior armênio Alexander Khatisian, porém os soviets haviam tomado oficialmente a administração da Armênia no dia anterior, tornando o tratado nulo. Além disso, os kemalistas ainda não estavam no poder na Turquia. Por conta destes fatores, o Tratado de Alexandrópolis não foi ratificado pela administração da Armênia soviética. Eventualmente as demandas turcas com relação à Armênia foram atendidas no tratado de Moscou de 1921, que daria à Turquia a posse dos territórios em disputa em troca da anistia aos dashnaques e do fim da guerra. Os termos deste tratado foram reafirmados no Tratado de Kars, também em 1921. Neste contexto, é possível perceber ações que expuseram uma dualidade política da Rússia soviética em relação à Armênia, algumas vezes apoiando suas reivindicações e defendendo-a contra massacres étnicos, outras vezes negando sua expansão em troca de uma aliança político-territorial com a Turquia.

#### **4. Sovietização da Geórgia – Resistência menchevique e interesses estrangeiros:**

Os mencheviques georgianos dominavam o Centro regional de Soviéticos de Tiflis, que

era a maior autoridade central da Transcaucásia. Após os bolcheviques terem tomado o poder na Rússia em 1917 e expulsado a ala moderada do governo em 25 de outubro de 1917, o Conselho regional condenou o ato como um golpe de Estado bolchevique, continuando a exercer sua influência na Federação Transcaucasiana, que unia Armênia, Geórgia e Azerbaijão em uma mesma federação.

Após uma breve existência da Federação Transcaucasiana, a Geórgia, por pressões externas da Turquia e da Alemanha, tornou-se independente, sendo governada por sociais-democratas mais ligados aos sociais-democratas alemães. Os mencheviques georgianos eram bem instruídos, mais organizados politicamente e possuíam conexões internacionais mais amplas que os partidos das repúblicas vizinhas. Segundo Richard Pipes (1997 p. 282), mesmo considerando os conflitos com as minorias islâmicas, os mencheviques georgianos souberam lidar razoavelmente bem com as responsabilidades da independência. Dessa forma, o governo menchevique implementou medidas que aumentaram a coesão interna, como a reforma agrária e a nacionalização de indústrias e meios de transporte. Em termos geopolíticos, o governo georgiano evitou a ocupação pela Turquia ao concluir um tratado de presença militar da Alemanha no seu território, sendo objeto da primeira intervenção estrangeira, e quando a Alemanha, cumprindo a ordem de rendição da Entente, se retirou da Geórgia, em novembro de 1918, o governo aclamou a intervenção dos britânicos, com a força militar de 20 a 30 mil efetivos, protegendo assim a Geórgia contra uma intervenção turca. Em 23 de dezembro de 1918 foi estabelecida a missão britânica sob comando do general-governador Cook Collins na região de Batum, e em 25 de dezembro instalou-se o quartel-general das forças armadas da Entente em Tiflis. A Grã-Bretanha, de acordo com a estratégia da Entente, que foi coordenada com o movimento branco, começou a retirada de suas tropas em julho de 1919, mas estendeu-a até setembro de 1919. A missão britânica deixou o Cáucaso em julho de 1920, junto com as derrotadas forças brancas do General Wranguel. Tal conjuntura geopolítica atrasou a sovietação da Geórgia.

Após dominar Baku, o 11º Exército Vermelho começou a avançar em direção às capitais da Armênia e da Geórgia, porém devido à guerra soviético-polonesa de 1920, foi obrigado a interromper a marcha em 25 de abril de 1920. Em 7 de maio de 1920, foi assinado entre a Federação Russa e a Geórgia um tratado da paz. Este tratado previa a retirada dos contingentes restantes da Grã-Bretanha em Batum, bem como o desarmamento e a internação dos contingentes das forças brancas, além disso, uma cláusula secreta legalizava o Partido Comunista na Geórgia e libertava da prisão quase mil georgianos comunistas (PIPES, 1997 p. 284).

O russo Sergei Kirov, importante figura bolchevique no estabelecimento do poder soviético no Cáucaso (assim como o georgiano Sergó Ordjonikidze e o armênio Stepan Shaumian) foi enviado para Tiflis para preparar a futura sovietação da Geórgia (PIPES, 1997 p. 283). Em dezembro de 1920, após a suspensão das hostilidades entre a Federação Russa e a Polônia, a campanha foi retomada e, seguindo o exemplo da sovietação da Armênia, a Geórgia ficou dentro de um cerco entre a Turquia e o território sovietizado do Cáucaso do Sul. Apesar de Stalin e Ordzhonikidze já terem todos os preparativos para uma invasão à sua terra natal, Lênin ainda tinha sérias dúvidas sobre a operação, considerando questões de ordem internacional, como a repercussão da invasão da Geórgia no Ocidente e a situação do 11º Exército Vermelho,



que alegadamente estava reduzido por conta de deserções. Segundo Richard Pipes (1997, p. 284), não fosse a pressão incansável de Stalin e Ordjonikidze, Lênin poderia ter deixado a situação inalterada, porém, acabou cedendo, convencido de que a Entente já considerava a Geórgia na esfera de influência russa.

O processo de tomada de poder na Geórgia, começou com rebeliões em massa, provocadas por bolcheviques por intermédio do Kavbirô<sup>12</sup>, em Borchalin e Akhalkalak, uma região contestada entre a Geórgia e a Armênia. Sob o pretexto da proclamação do poder soviético pelo Comitê Revolucionário da Geórgia no dia 16 de fevereiro, o 11º e o 9º Exércitos Vermelhos cruzaram a fronteira entre o Azerbaijão e a Geórgia e avançaram sobre Tíflis. No dia 25 de fevereiro de 1921 a capital foi rendida. Mas a resistência continuou, porque a retirada das forças georgianas para o sudoeste do país tornou a situação militar mais complicada.

A Turquia, diante da fraqueza da Geórgia no enfrentamento com a Federação da Rússia, tentou tomar proveito do recuo das tropas georgianas e estabelecer uma praça de armas na Geórgia, ao lado de Batum, ao declarar um ultimato ao governo georgiano e ao exigir a rendição das cidades de Ardakhan e Artvin. Devido ao avanço dos Exércitos Vermelhos da Federação da Rússia sobre Batum, surgiu em 07 de março a eventualidade de um conflito militar entre a Turquia e a Rússia, que a Geórgia quis aproveitar para o seu benefício. Houve uma troca de notas diplomáticas entre a Rússia e a Turquia, em que a última justificou a presença de tropas na Geórgia pela necessidade da proteção da população muçulmana de adjares, em Batum. Para resolver o conflito de uma maneira pacífica, Lênin propôs aos sociais-democratas mencheviques da Geórgia criar um governo de coalização com o Comitê Revolucionário da Geórgia, mas a proposição foi rejeitada. Quando em 16 de março a Turquia declarou que anexaria Batum, o governo georgiano dirigiu-se à Rússia para intermediar a entrega de Ardakhan e Artvin em troca da permanência, como parte da Geórgia, de Batum, o mais importante porto no Mar Negro na época, depois de Odessa.

No mesmo dia – 16 de março de 1921 – pela coincidência que favoreceu a Geórgia, foi assinado em Moscou o Tratado soviético-turco, primeiro que reconheceu a independência da Turquia kemalista, sem considerar o Tratado de Sèvres, assinado pela administração imperial otomana e nunca ratificado pelo governo kemalista. Este Tratado estabeleceu a delimitação da fronteira nordeste da Turquia, que vigora até os dias de hoje. O Tratado de Kars, assinado em 13 de outubro de 1921, entre a Turquia e as três repúblicas soviéticas do Cáucaso do Sul, estendeu as condições do Tratado de Moscou para todos os signatários e revogou o Tratado de Alexandrópolis.

## 5. Conclusão:

O estabelecimento do poder soviético na Transcaucásia foi um processo complexo, marcado por contradições, influências externas e mudanças de posicionamento da Rússia e da Turquia, no contexto de Primeira Guerra Mundial, revolução, e guerra civil. A Transcaucásia, durante esse período, mostrou-se bastante suscetível às intervenções externas que, somadas aos

12. Birô do Cáucaso (1920-1922), organização criada pelo RKP(b)(Partido Comunista da Rússia (bolchevique) para coordenar os partidos comunistas e assemelhados no Cáucaso do Norte e do Sul. O objetivo principal de suas atividades foi a preparação de condições políticas para incentivar o estabelecimento do poder soviético no Cáucaso.

próprios conflitos entre as três então independentes repúblicas, tornaram o terreno fértil para a conquista bolchevique. Os bolcheviques souberam explorar divisões étnicas e conflitos locais para atingir seus objetivos<sup>13</sup>. A estratégia utilizada pela Rússia para a sovietação dos três países da Transcaucásia foi marcada pela utilização das oportunidades geradas pelo término das intervenções estrangeiras (Império Otomano/Turquia, Alemanha e Grã-Bretanha) e pelos conflitos e cisões entre os próprios países do Cáucaso do Sul. Dessa maneira, apoiar-se nos aliados políticos, na “terceira força”, insuflar e patrocinar rebeliões internas nos referidos países, através de um influente poder de soviets locais e, então, depois recorrer às tropas do 11º Exército Vermelho, foi a principal tática adotada.

A sovietação da Transcaucásia aconteceu por meio da força militar da República Federativa Russa, auxiliada pelas rebeliões comunistas e dos soviets, principalmente depois da ulterior derrota das forças “brancas” no Cáucaso do Norte e na Crimeia, significando a aceitação de uma autoridade estatal protetora dos três países transcaucasianos, mergulhados nas crises, nas guerras intestinas, nas situações de intervenções e de ocupações estrangeiras. Os países da Entente, a Turquia e os governos nacionais das três repúblicas não conseguiram tirar os países do Cáucaso do Sul das situações de conflito e de caos, deixando assim para a República Soviética Federativa Russa a missão do restabelecimento de sua autoridade, dentro do pressuposto pelo item 6 dos “14 pontos de Woodrow Wilson”:

A retirada dos Exércitos de todos os territórios russos e a solução de todas as questões que afetam a Rússia, visando assegurar sua melhor cooperação com outras nações do mundo, obtendo para ela oportunidades desimpedidas e desobstruídas para a determinação independente de seu desenvolvimento político e de sua política nacional e assegurando para ela um acolhimento sincero na sociedade das nações livres sob as instituições de sua própria escolha.”<sup>14</sup>.(WILSON, apud HICKMAN, 2019. Tradução livre)

Mesmo que as independências das três repúblicas fossem reconhecidas pelas potências europeias e pelos Estados Unidos, o balanço de poder de fato, com que se deparou a Rússia nos anos 1919-1921 no Cáucaso do Sul, ficou favorável a ela, devido à conjuntura política pós-Primeira Guerra Mundial e à incapacidade dos países da Entente de influenciar este balanço no Cáucaso do Sul. O que beneficiou a sovietação dos países do Cáucaso do Sul foram os seguintes fatores: a) derrota do movimento “branco” no Cáucaso; b) fim das intervenções da Entente nas repúblicas transcaucasianas e c) a afirmação de *status quo* desta região, mediante a aproximação entre a Turquia e a República Federativa da Rússia (a última excluída da Conferência da Paz em Paris), cujas consciências deste *status quo* as levou à negociação e à conclusão de acordos em 1921 que consolidaram o mapa geopolítico da região.

As fronteiras das três repúblicas soviéticas do Cáucaso do Sul delinear-se sob a influência do governo da Federação da Rússia, que, ao rejeitar os Tratados de Alexandrópolis

13. Vd. KING, 2008, p. 167.

14. VI. The evacuation of all Russian territory and such a settlement of all questions affecting Russia as will secure the best and freest cooperation of the other nations of the world in obtaining for her an unhampered and unembarrassed opportunity for the independent determination of her own political development and national policy and assure her of a sincere welcome into the society of free nations under institutions of her own choosing;

(1920) e de Sèvres (1920), atendeu em parte às reivindicações territoriais da Turquia nos Tratados de Moscou (1921) e de Kars (1921). Porém, foi criada uma nova realidade territorial, baseada na acomodação de interesses, tanto entre a Federação da Rússia e a Turquia, quanto entre a Rússia e as três repúblicas transcaucasianas. Os últimos dois Tratados, assinados, primeiro, entre a Rússia e, segundo, pela Armênia, pela Geórgia e pelo Azerbaijão, por um lado, e pela Turquia, por outro lado nos dois Tratados, instituíram o fundamento do *status quo* territorial na região do Cáucaso do Sul, que perdura até os dias de hoje.

## Referências:

AKOPOV, John; BONDARENKO, Igor. **Armenian genocide: History, lessons, consequences**. Bratislava: Európska Akadémia Pre Bezpečnosť A Konflikty, 2014. 232 p.

CORNELL, Svante. **The Nagorno Karabakh Conflict**. Uppsala: Department of East European Studies, Uppsala University, 1999. 162 p.

\_\_\_\_\_. **Azerbaijan Since Independence**. Armonk, New York: M.E.Sharpe, 2011. 485 p. (Studies of Central Asia and the Caucasus).

GRAJDÁNSKAYA voina i voennaya intervênsia v SSSR. Moskva: Soviétskaya Entsiklopêdia:1983.

HICKMAN, Kennedy. **World War I: The Fourteen Points**. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/world-war-i-the-fourteen-points-2361398>>. Acesso em 6 de março de 2019)

KING, Charles. **The Ghost of Freedom: A History of the Caucasus**. New York: Oxford University Press, Inc., 2008. 291 p.

MARSHALL, Alex. **The Caucasus under Soviet Rule**, Taylor and Francis, London, 2009  
PIPES, Richard. **História Concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Record, 1997. 403 p. Tradução de T. Reis.

POKHLIEBKIN, V.V. **Vniêchniaya polítika Rusi, Rossii e SSSR za 1000 liet v imienakh, datakh i faktakh: Vyp. II – Vóiny i mírnyie dogovory**. Kniga 3-ya: Evropa v piêrvoi polovine XX v. Moskva: Mezhdunarodnyie Otnochêniya, 1999

SEQUEIRA, João. **Nacionalismo e Conflitos Étnicos no Cáucaso: Subversão e Colapso do Estado da Transcaucásia Czarista e Soviética (1830 - 1991)**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estratégia, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: <[https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7981/1/Tese Sequeira Joao.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7981/1/Tese%20Sequeira%20Joao.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2017.  
SWIETECHOWSKI, Tadeusz. **Russian Azerbaijan, 1905-1920: The Shaping of National Identity in a Muslim Community**. 2004. 256 p. Cambridge University Press.

## Documentos:

**Tratado de Brest-Litovsk, 1918.** Disponível em: <[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/bl34.asp#treatytext](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/bl34.asp#treatytext)>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

**Tratado de Sèvres, 1920.** Disponível em: <[https://wwi.lib.byu.edu/index.php/Peace\\_Treaty\\_of\\_S%C3%A8vres](https://wwi.lib.byu.edu/index.php/Peace_Treaty_of_S%C3%A8vres)>. Acesso em 02 de março de 2019.

**Tratado de Alexandrópolis, 1920.** Disponível em: <<http://www.deutscharmenischegesellschaft.de/wp-content/uploads/2011/01/Vertrag-von-Alexandropol-2.-Dezember-1920.pdf>>. Acesso em 30 de maio. 2017.

**Tratado de Moscou, 1921.** Disponível em: <<http://www.deutscharmenischegesellschaft.de/wp-content/uploads/2011/01/Vertrag-von-Moskau-16.-M%C3%A4rz-1921.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2017.>

**Tratado de Kars, 1921.** Disponível em: <<http://groong.usc.edu/treaties/kars.html>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.